

Retomando o projeto “Jarinu tem Memória”

MARGARETH BRANDINI PARK

Pedagoga, Dra. em Metodologia de Ensino pela FE-Unicamp e pesquisadora no CMU-Unicamp

RESUMO

Através de um trabalho focalizando a formação de professores, sob a perspectiva da História Oral, a cidade mobiliza-se na medida em que seus habitantes desenvolvem o sentimento de pertencimento local. O objetivo deste pequeno texto é o de discutir o alcance do referido projeto.

Palavras-chave: Formação de professores. Memória. História oral

ABSTRACT

Through a work focusing the teacher training, under the perspective of Oral History, the city mobilizes once its inhabitants develop the feeling of local belonging. The objective of this small text is to argue the reach of the cited project.

Key words: Teacher training. Memory. Oral history



As fotos apresentadas neste artigo integram o Projeto "Jarinu tem Memória". São imagens que mostram cenas do passado relacionadas ao tema meio ambiente. O acervo foi montado por membros da comunidade, equipe pedagógica da Prefeitura de Jarinu e pesquisadores do Centro de Memória da Unicamp.

Este projeto tem por objetivo realizar o levantamento sociohistórico e cultural através da formação continuada dos professores, envolvendo alunos, comunidade e meios de comunicação.

Creemos que, ao priorizar a formação do educador enquanto pesquisador, estamos investindo em parcerias que possibilitam o exercício da profissão em um mundo que se modifica rapidamente, exigindo um perfil extremamente dinâmico dos profissionais.

O projeto foi implantado na rede municipal de Jarinu em abril de 1998, portanto, no presente momento, decorrido um ano, já podemos realizar a avaliação de uma etapa.

Dentre os objetivos listados, após o primeiro ano, tínhamos como meta montar uma exposição na cidade. A proposta era a de socializar o percurso realizado, devolvendo para as pessoas todo o material coletado e ordenado. Mais que uma exposição para ser vista, o momento deveria ser o das pessoas se vendo, se reconhecendo, se apropriando de um passado que pode oferecer a oportunidade de maior compreensão do presente.

A exposição foi elaborada de acordo com o seguinte eixo: Apresentação, Histórico do Município, Desenvolvimento Econômico, Vida Cultural, Bairros, Educação Infantil: Brincando e Fazendo Arte.

O lugar escolhido para a montagem foi o Ginásio de Esportes da cidade, o maior recinto fechado da comunidade. Por ser o único lugar destinado a todos os eventos da cidade, só pudemos dispor do mesmo por uma semana. Tempo

muito curto para uma exposição tão significativa. Passaram pelo local aproximadamente 5 mil pessoas, confirmadas pelo livro de assinaturas. Considerando que a cidade conta com uma população em torno de 13 mil habitantes, podemos inferir a importância deste evento.

Na abertura, o ponto alto ficou por conta da sessão de cinema organizada por Ubirajara Zambotto, um amante da Sétima Arte. Foram dois filmes, um mostrando um convescote [1] na fazenda Nossa Senhora Aparecida, em 1940 e outro, em 1979, mostrando as Festividades do Ano Internacional da Criança. A platéia foi brindada com um cenário de cinema do qual fizeram parte músicas de fundo, gongo, rompimento de filmes, enfim tudo o que compõe esses momentos de projeção.

Essa convivência com as pessoas falecidas que se presentificavam novamente na festa foi provocante, ultrapassando o mero saudosismo. Estava claro que elas fizeram/fazem parte integrante deste nosso histórico.

Como declarou Ubirajara:

“É muito importante esse clima de emoção, de conversas e saudades pois os filmes morrem um pouquinho por vez, ao serem projetados. Sendo assim, eles acabam sobrevivendo nas memórias daqueles que os assistiram”.

Durante a semana da exposição, várias foram as atrações apresentadas, dentre elas a congada, a escola de samba, a dança de São Gonçalo, a banda e o coral da cidade, que cantou uma coletânea de cantigas que foram coletadas pelas crianças da rede municipal.

Falam os professores:

“Posso afirmar que pelo sucesso que a exposição alcançou, nosso

1 - Piquenique.



trabalho até que não foi tanto... A satisfação do bom resultado supera qualquer trabalho ou dificuldade que encontramos no caminho. Foi muito gratificante para nós, professores que estivemos envolvidos o tempo todo com o trabalho e para a comunidade que, com certeza, nunca havia pensado que Jarinu poderia ter tanta história para contar. Os moradores da cidade se sentiram como verdadeiros personagens da história do município e as pessoas que não são daqui puderam conhecer muito mais deste lugar.” (Professora Margarida).

“Quando nos propusemos a fazer a exposição, sinceramente não acreditava que iria ser tão rica e que tivesse tanta repercussão. Os alunos ficaram encantados com tantas histórias que os mais velhos contaram e também com tantos objetos antigos que eles nem imaginavam que pudessem existir.” (Professora Márcia).
“Quando falamos em história, sempre pensamos em algo distante e a exposição foi uma ótima oportunidade para mostrar que todos construímos a história o tempo todo.

A exposição foi muito boa, conseguindo fazer um ótimo resgate da história do município e também da memória das pessoas, o que é muito importante, envolvendo-as.
O Ginásio de Esportes é amplo e o espaço poderia ter sido melhor explorado.

Foi uma ótima experiência participar da exposição porque encontramos dificuldades que precisaram ser superadas, gerando crescimento e amadurecimento diante de situações que a realidade nos apresenta, além de despertar a vontade de sempre pesquisar e investigar, procurando descobrir na história as relações que nem sempre são mostradas.” (Professora Kátia).

“Estamos aprendendo muito com estes trabalhos e transmitindo aos alunos a importância da observação de fatos importantes que mostram o desenvolvimento humano, inclusive os fatos que não nos agradam para que possamos interferir nos mesmos através da construção da cidadania.” (Professora Valquíria).

Tais declarações confirmam nossas metas de envolver a população, ressignificar o trabalho docente e formar o aluno que interfere em seu meio enquanto cidadão.





Falam os alunos:

“Gostamos muito das coisas antigas, pois a gente não conhecia.”
(Neideléia, 1a. série).

“Vimos brinquedos que nossos pais e avós brincavam antigamente.”
(Edilécia, 2a. série).

“Vimos quadros muito lindos. Muitas maquetes legais e no meio delas estava a nossa. O que eu mais gostei foram os quadros, eram muito lindos.” (Rodrigo, 2a. série).

“Não gostei porque não olhei a maior coisa que era o filme que não funcionou.” (Aluno da 2a. série).

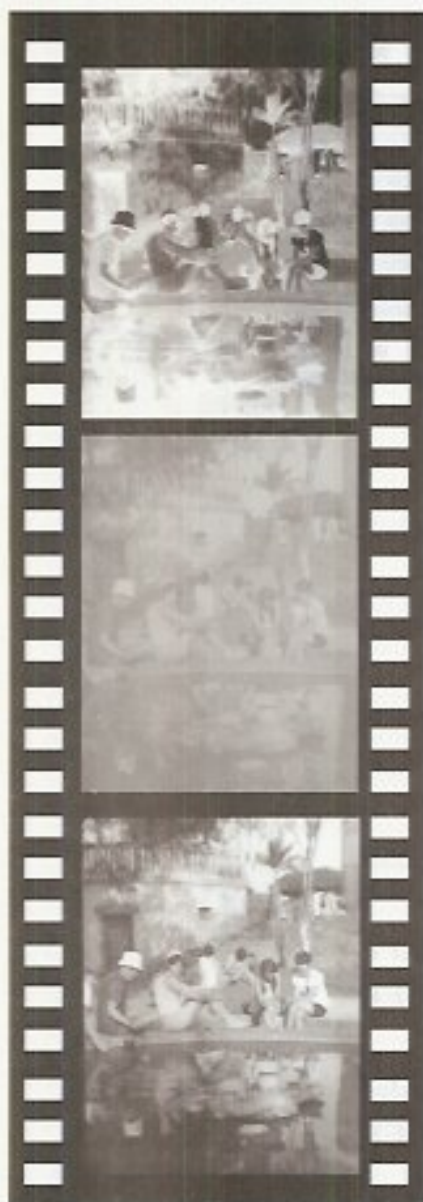
“A nossa opinião é de que faltou mais participação, trabalho e empenho da nossa escola.” (Alunos da 3a. e 4a. séries da EMEF Rodolfo Soranz).

“Podiam melhorar o espaço, porque as coisas ficaram muito apertadas e sobrou lugar no meio do Ginásio.” (Alunos da 3a. série da EMEF Maria Helena Messias).

Dentre as falas dos alunos, algumas unanimidades: o cavalinho e a árvore de pitangas que muitos adoraram. É interessante que o cavalinho, um brinquedo antigo, estava enferrujado e descolorado. Feio para a estética adulta. Chegou-se a afirmar que ele “enfejava” o ambiente e que talvez não devesse ser colocado. Aos olhos das crianças, porém, o brinquedo antigo tomou-se lindo. De uma beleza própria, da qual faz parte as marcas do tempo. Algo que foi usado, brincado. Prova disso eram as suas marcas...

A árvore de pitangas. O Bairro Pitangal montou uma árvore artificial de pitangas, circundada por mudas “reais”. A representação e o concreto, árvores. Ambos atraíram as crianças que as descreveram em minúcias...

Os quadros. Os artistas da cidade pintaram locais escolhidos da cidade tais



2 - Sessão das bibliotecas em que se colecionam jornais e revistas. (Dicionário Escolar da Língua Portuguesa/ Francisco de Silveira Bueno-FAE 1986.111ª Edição).

como a Estação de Campo Largo, a Igreja, ipês floridos, um trabalhador, o casarão etc. Várias crianças afirmaram a beleza das pincladas precisas na representação. O conjunto das obras foi doado como acervo para a cidade.

Nos depoimentos das crianças podemos perceber o senso crítico, o reconhecimento de falhas, de ausências, da distribuição do espaço; comparando trabalhos, concluem empenhos. Eles aprendem a criticar fundamentando seus pontos de vista.

ACERVO GERADO

O Centro de Memória da Unicamp possui hoje um acervo de 70 fotos da cidade de Jarinu, devidamente identificadas, que representa uma documentação outrora não existente sobre esta região de Campinas.

Todas as reportagens publicadas em jornais da cidade e região, assim como o documento do memorialista Lázaro Siqueira, passaram a fazer parte da bibliografia do projeto “História da Urbanização do Estado de São Paulo”, coordenado pelo historiador José Roberto do Amaral Lapa.

Para a cidade de Jarinu, o projeto gerou um acervo com uma característica muito importante pois a escolha dos materiais e fotos, feita pelos próprios moradores, garante que esse acervo represente a forma com a qual pretendem retratar-se.

Possuímos hoje material para uma hemeroteca [2], documentos sobre a história da cidade, documento sobre escravos etc.

Os depoimentos gravados e transcritos permitem que se inicie um arquivo de história oral contemplando os seguintes assuntos: a saúde no município, benzedeiras, primeiros farmacêuticos, parteiras, médicos; loteamentos, histórico de bairros; biografias de velhos moradores; cinema.

O acervo fotográfico [3] da cidade possui cópias e negativos sobre festas religiosas, romarias, bandas; transportes, imigrantes, bairros (ontem-hoje), agricultura, lazer e indústrias da região.

Neste momento encaminharemos a organização, catalogação e classificação do material obtido com o intuito de facilitar o manuseio das pessoas que quiserem consultar os arquivos. Será elaborado um “folder” listando os materiais, este deverá ter ampla divulgação em escolas, rádios e jornais.

DESCOMPASSOS E DESAFIOS: RELACIONAMENTO COM A IMPRENSA E ALFABETIZAÇÃO

A parceria com os meios de comunicação é parte constitutiva das metas deste trabalho. Por ser o segundo projeto, o primeiro foi desenvolvido na cidade de Itupeva, nos anos de 1995/1996; pensamos que algumas reflexões possam e devam ser feitas.

Focalizamos aqui os jornais, caracterizados por serem pequenos, de circulação mais restrita às cidades em questão, apesar de circularem em pequeno número também em algumas cidades da região.

As parcerias se deram de forma muito espontânea, acreditando que, desse modo, pudéssemos respeitar melhor a criatividade de todos os profissionais envolvidos. Hoje, talvez fosse salutar rever tal abertura uma vez que as posições assumidas pela imprensa, muitas vezes necessitaram de interferências pedagógicas ou políticas, com o intuito de apagar “incêndios” que contribuíram para situações delicadas nessa parceria.

Em ambas as cidades, em determinados momentos do projeto estabeleceu-se uma disputa pelos produtos obtidos. Chamamos aqui de produtos as coletas de dados, informações e documentos. A parceria sustentava-se a duras penas.

As sugestões de encaminhamento para o uso dos espaços da imprensa em muitos momentos soaram mais como ingerência que como tentativas do construir junto.

Os interesses mesclavam-se e o objetivo maior que era/é o de abrir espaço para que as diversas vozes anônimas se manifestassem ficava alterado. Em muitos momentos os critérios não foram por tais vozes.

O jornal da cidade de Itupeva abriu dois espaços que foram constantes até alguns meses após o término do projeto. Foram eles: o Túnel de Tempo, para a publicação de fotos antigas e o Memórias, para a publicação de textos sobre a cidade.

O jornal da cidade de Jarinu tinha a seção Perfil que foi utilizada para a publicação de entrevistas de pessoas que fizeram/fazem a história da cidade. Fotos antigas também foram publicadas mas sem constância. Conseguimos publicar, no presente projeto, vários trabalhos de alunos, o que sem dúvida tem muita importância por contribuir diretamente para a auto-estima de crianças e professores.

Percebemos que até o presente momento as parcerias

3 - Duas bibliotecárias, duas funcionárias da Prefeitura e uma pessoa da comunidade foram preparadas pela pesquisadora Marly Marcondes do Centro de Memória da Unicamp para trabalhar com a restauração e manutenção das fotos.



ocorreram de forma precária. Ora por disputas, ora por falta de mais dedicação para a elaboração de ações conjuntas.

Tais ponderações têm por objetivo delinear futuras parcerias mais fechadas e garantidas por acordos claros e assumidos por ambas as partes.

LEITURA DE MUNDO: O PROCESSO ALFABETIZADOR

Ler o mundo. Desafio para educadores, educandos e para a comunidade a ser lida.

Um projeto como este, que tem por eixo trabalhar com o resgate sócio-histórico e cultural, pretende-se alfabetizador. O conteúdo a ser trabalhado é o próprio acervo coletado, as vozes ouvidas intermediadas de letras, virando escrita. Exercitar a terra, o plantio. Maternatizar as frutas encaixotadas. Estudar a saúde nos riscos cotidianos centrados no trabalho. Ler a história, fazendo-a.

“Há toda uma lógica do aprender, pois quem vai aprender algo vai aprender “fazendo” aquele algo. O que se tem exigido da criança, contrariando todas as suas expectativas em relação ao escrever, é o domínio de uma linguagem escolar, que se estrutura sobre uma pseudo neutralidade, reiterando-se que essa acumulação lingüística seja a sua escolarização. Do que é, na vida, um processo, com relações culturais bem definidas, ficam etapas a serem vencidas; do que é uma superposição de conhecimentos reais fica um sentido linear, cronológico; do movimento entre o saber e o não-saber fica apenas a mecanicidade - e é lógico que o ler e escrever é muito difícil ainda que nem se tenha começado a aprender o ler e o escrever” (MOYSÉS, s/d: 12).

Interferir no meio como as crianças que, para justificar o nome do Bairro Pitangal, constroem com os pais uma estufa de reflorestamento com mudas de





pitangueiras que devolverão o sentido do nome. Esse projeto sonha com a conjugação dos verbos que trans-formam e ao transformar, registram. A terra, as plantas e a estufa viram letras.

O cotidiano, normalmente esterilizado, limpo e maquiado da escola vai ficando pequeno diante do grande livro que é o mundo, através do trabalho que o transforma.

Fazemos nossas, as palavras da educadora Anete Abramowicz:

“...Há um intenso trabalho de leitura e escrita. As crianças foram ferramentas mediadoras- ouvindo e escrevendo as histórias: dos velhos, da cidade, das pessoas. As crianças foram sujeitos e objetos das práticas de leitura e escrita da cidade. Leitura e escrita que estão em todos. Qualquer fio tece infinitos outros e todos falam e todos têm saber, o trabalho é mais que um resgate histórico e cultural, é a própria cultura histórica fazendo-se e restando-se ao se fazer, a partir das crianças. A força de um trabalho alfabetizador como este, é o movimento que produz em todos que se envolveram fizeram ecoar para fora da escola, não só as palavras e os sentidos (foram além dos significados e dos significantes), mas as sensações e as forças da memória, da história... Foi um intenso movimento que ao trabalhar a escrita se agenciou a outras linguagens: os desenho, as fotos, as vozes; alfabetização é isto: polifonia” (in: PARK, 1996: 41, 42).

Lidar com a dialética, com este movimento que exige atenção, cuidado e sensibilidade, é um grande desafio. O desafio de fazer do ato de alfabetizar um ato que só pode ser, por essência, político. Comprometido com as “pessoas vivas” com as quais convivemos e temos a pretensão de formar. Talvez seja, antes de tudo, uma questão de ter olhos de ver e ouvidos de ouvir...

BIBLIOGRAFIA

- CERTEAU, Michel de. *A Cultura do Plural*. Campinas: Papyrus, 1995.
- . *A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- . *A Invenção do Cotidiano. Morar, Cozinhar*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- FREIRE, Madalena. *A Paixão de Conhecer o Mundo*. São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- FREIRE, Paulo. *A Importância do Ato de Ler*. São Paulo: Cortez, 1982.
- MOYSÉS, Sarita M. A. “A Leitura do Mundo Precede a Leitura da Palavra”, Mimeo, s/d.
- PARK, Margareth Brandini (org.). *Memória, Educação e Cidadania: Tecendo o Cotidiano de Creches e Pré-escolas em Itupeva-SP*. Campinas: Centro de Memória-Unicamp, 1996.